

Machado *black and blur*, segundo Pedro Meira Monteiro

Machado Black and Blur According to Pedro Meira Monteiro

José Antônio Orlando

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) | Belo Horizonte | MG | BR

semioticas@hotmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-6475-0412>

Joaquim Maria Machado de Assis, considerado por muitos o autor mais importante da literatura brasileira, maior escritor da América Latina e maior escritor negro de todos os tempos, surgiu em um diálogo admirável com a contemporaneidade e em tons de afrofuturismo¹ na conferência “Machado: Black and Blur”, apresentada em Belo Horizonte pelo professor Pedro Meira Monteiro como aula inaugural do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens (Posling) do CEFET-MG.² Professor da Princeton University, em New Jersey, Estados Unidos, onde dirige o departamento de Espanhol e Português, Pedro Meira Monteiro é doutor em Teoria e História Literária pela Unicamp, com pós-doutoramento em Educação pela mesma universidade, e pesquisador de literatura e cultura brasileira com vários livros publicados, entre eles *Signo e desterro: Sérgio Buarque de Holanda e a imaginação do Brasil* (Editora Hucitec, 2015) e *The Other Roots: Wandering Origins in Roots of Brazil and the Impasses of Modernity in Ibero-America* (Notre Dame University Press, 2017).

Nesta entrevista, Pedro Meira Monteiro destaca algumas questões relacionadas às representações de Machado de Assis ao longo do tempo, especialmente na fotografia, para contextualizar o debate sobre a inegável ascendência africana do escritor, considerando o processo de “embranquecimento” pelo qual passou o principal cânone da literatura brasileira, no decorrer do século 20 – um processo que foi promovido, segundo ele argumenta, como estratégia política na tentativa de atenuar a questão da afrodescendência de um autor e figura

¹ O termo afrofuturismo identifica o movimento cultural, estético e político que se manifesta no campo da literatura, do cinema, da fotografia, da moda, da arte, da música, a partir da perspectiva negra, utilizando elementos da ficção científica e da fantasia para criar narrativas de protagonismo negro, por meio da celebração de sua identidade, ancestralidade e história. As origens do movimento remontam a 1994, quando Mark Dery identificou o conceito de afrofuturismo a partir de uma análise da cena cultural e literária dos Estados Unidos com base em entrevistas e depoimentos de artistas e intelectuais negros. Dery estende o movimento também ao campo do cinema, da fotografia e das artes visuais, bem como ao campo musical. Cf. BUROCCO, Laura. Afrofuturismo e o devir negro do mundo. *Revista Arte e Ensaios*, n. 38, julho de 2019. Rio de Janeiro: EBA UFRJ. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/ae/article/view/26373/15167>. Acesso em: 20 junho 2024.

² A conferência foi apresentada em 22 de março de 2024 no auditório do CEFET-MG em Belo Horizonte.



pública que foi atuante em seu tempo e que já foi lido de formas muito diversas, por razões também diversas. O professor ressalta o reverso desse processo no passado recente, com o surgimento de um Machado de Assis “preto velho” e acadêmico, de um Machado revisto e atualizado pelas questões da decolonialidade, que se torna tema de vídeos que viralizam no TikTok, de novas traduções ao inglês e outras línguas e de novas iniciativas imprevistas que vêm aproximando o gênio de Machado das novas gerações no Brasil e também em outros países. A literatura surpreendente do Bruxo do Cosme Velho, como sempre e cada vez mais, permanece conquistando leitores e nomes influentes da crítica internacional.

Para começar esta entrevista, vou retornar à questão que apresentei no debate logo após sua aula magna, que é a seguinte: o processo de “embranquecimento” de Machado de Assis, em sua época e durante o século 20, pode ou deve ser considerado como uma violência?

Pedro Meira Monteiro: O embranquecimento de uma personagem pública como Machado de Assis é uma forma de esquecimento e, como tal, não deixa de ser uma violência. A memória é um campo de batalha, uma eterna “guerra simbólica” (para pensar nos termos do crítico caribenho Arcadio Díaz-Quiñones) em que as imagens dizem sempre muito mais do que aquilo que os seus veiculadores e mesmo seus produtores previram. Em suma, temos responsabilidade diante daquilo que se lembra e daquilo que se esquece. Mas me parece muito importante entender que o embranquecimento é um processo de muitas mãos; não se trata de uma simples manipulação, mas de um palco em que se apostam muitas fichas ideológicas, puxando a questão ora para um lado, ora para outro. Entender a história e a historicidade desse processo é uma forma de não cair num discurso essencialista, que quer “fixar” Machado num lugar, sem deixar que ele respire como figura histórica, isto é, como alguém que foi atuante em seu tempo (cheio de ambiguidades e de momentos agudos de crítica, há que notar) e que foi lido de formas muito diversas ao longo do tempo, por razões as mais diversas também.

Os questionamentos sobre o processo de “embranquecimento” de Machado de Assis, que teria sido realizado na tentativa de atenuar sua inegável afrodescendência a partir de suas fotografias, ganharam mais destaque na mídia e nas pesquisas acadêmicas a partir de 2019 com o projeto “Machado de Assis Real”, lançado pela Universidade Zumbi dos Palmares (UJP), de São Paulo, nomeado como “primeira errata feita para corrigir o racismo na literatura brasileira”.³ Tal projeto, que também alcançou repercussão na imprensa internacional,⁴ alterou, de fato, a recepção sobre a importância do escritor Machado de Assis e sobre sua obra? O saldo, afinal, é positivo?

P. M. M: Eu não reduziria o “Black Turn” pelo qual passam os estudos machadianos a um evento apenas. Pessoalmente, vejo com bastante ceticismo o tom publicitário do vídeo “The

³ A Universidade Zumbi dos Palmares criou um site para o projeto que apresenta, entre outros conteúdos, a recriação de uma das fotografias mais conhecidas do escritor (o retrato feito em 1892 nos estúdios de Juan Gutierrez), que foi retocada e colorizada em tons mais escuros para reforçar seus traços fisionômicos negros, além do lançamento de anúncios audiovisuais e de um abaixo-assinado aberto ao público. O slogan do projeto informa que: “Machado de Assis era negro e muita gente não sabe disso. A campanha #MachadoDeAssisReal vai reparar essa injustiça”. Cf. CAMPANHA Machado de Assis Real. São Paulo: Universidade Zumbi dos Palmares, 2019. Disponível em: <https://zumbidospalmares.edu.br/projetos/machado-de-assis-real/>. Acesso em: 20 junho 2024.

⁴ IN BRASIL a new rendering of a literary giant makes waves. *The New York Times*, June 14, 2019. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2019/06/14/books/brazil-machado-de-assis.html>. Acesso em: 23 março 2024.

Real Machado de Assis”,⁵ mesmo reconhecendo a importância e o significado que ele ganhou. Trabalhei essa questão recentemente em um artigo, “Machado Black and Blur: a racialização do autor”,⁶ cuja leitura recomendo, até por se tratar de uma reflexão em curso. Acho justamente que o tom “cientificista” dado para a comprovação da condição negra de Machado de Assis vai contra tudo o que Machado propôs, que era uma crítica profunda às certezas da ciência do seu tempo e de praticamente qualquer tempo. A questão é espinhosa, porque relativizar a ciência pode parecer quase uma forma de negacionismo hoje em dia. Mas não se trata disso. Ao contrário, trata-se de entender que os termos classificatórios que levam à ideia de raça são, em si mesmos, racistas. Na sua origem, são uma criação branca, que mantém os alicerces daquilo que contemporaneamente veio a chamar-se de branquitude (por que se pensa na pele negra quando se fala de raça?). Acho muito mais efetiva, no campo da batalha política e poética de nossos dias, a forma bem-humorada e assumidamente irônica e guerreira com que a FLUP (Festa Literária das Periferias) transformou Machado, por exemplo, num “preto velho” acadêmico.

Sim, porque Machado de Assis é um sábio e sua obra representa um contraponto à violência e às injustiças de seu tempo...

P. M. M: É isso que ele é: um sábio, além de portador de formas de saber que vão além do mundo letrado. Isso é muito paradoxal, porque Machado se transformou em “Machado” justamente por seguir à risca a trajetória de sucesso no mundo letrado de seu tempo. Mas dentro de sua obra, na sua escrita “de caramujo” (para lembrar a expressão machadiana recuperada por Eduardo de Assis Duarte (2020) em seu fundamental ensaio sobre Machado afrodescendente,⁷ que complementa a antologia por ele preparada há mais de dez anos), é possível flagrar momentos de uma empatia extrema em relação à população afrodescendente, à qual ele pertence, embora essa pertença não esconda sua posição privilegiada. O fato de que Machado operasse sempre na surdina torna necessário, creio, que encontremos formas de análise também sutis, resistindo ao canto da sereia da certeza científica, que dá tom à publicidade do filme referido. Seja como for, o racismo é ardiloso, e é a grande marca do Brasil “moderno”. Lutar contra ele exige, me parece, força, alianças amplas e também muito jogo de cintura, que é o que falta ao discurso publicitário, por exemplo.

⁵ HE REAL Machado de Assis, 2019. Disponível em: <https://vimeo.com/336389513>. Acesso em: 20 junho 2024.

⁶ MEIRA MONTEIRO, Pedro. Machado Black and Blur: a racialização do autor. *Machado de Assis em Linha*, v. 17, 2024, Dossiê: Machado de Assis, a escravidão e a questão racial. p. 1-25. São Paulo: Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/mael/a/sPzck3KBBYdxDyJkfnfFrZx>. Acesso em: 20 junho 2024.

⁷ DUARTE, Eduardo de Assis. Seleção, notas, ensaios. *Machado de Assis afrodescendente*. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Malê, 2020.

O caso Machado de Assis, tanto o escritor como sua obra, muitas vezes aparecem como um milagre e um enigma para o olhar estrangeiro. Críticos de prestígio como Susan Sontag e Harold Bloom, entre outros, destacam Machado como autor excepcional em comparação com nomes do primeiro time da literatura universal.⁸ Em um ensaio muito influente, publicado na década de 1990,⁹ Sontag aponta que Machado é o maior escritor já produzido pela América Latina em qualquer época, enquanto Bloom (2003) define Machado como autor “afro-brasileiro” (African-Brazilian) e o maior entre todos os escritores negros até o presente.¹⁰ Você concorda com tais classificações?

P. M. M: Sem dúvida. Mas acho ainda mais interessante que tenha sido uma “influencer” quem recentemente alavancou Machado de Assis a partir do TikTok.¹¹ As novas traduções ao inglês, a propósito, mostram que o interesse pelo Bruxo do Cosme Velho vem crescendo fora do Brasil. Machado ainda é um autor de uma língua “periférica” no imaginário globalizado, mas a curiosidade sobre ele vai de par com a crescente conscientização sobre a importância das literaturas diaspóricas. Essa virada de perspectiva vai se completando, acho eu, com a emergência de uma geração de críticos e críticas de pele escura, que vão desvelando os silêncios e os esquecimentos que sedimentaram a visão embranquecida de Machado de Assis. Já não era sem tempo, aliás.

Machado de Assis permanece, na sua avaliação, na atualidade, como a personificação de um milagre e também de um enigma para o olhar estrangeiro?

P. M. M: Não. Acho que já temos instrumentos críticos suficientes para compreender que Machado não foi um milagre. Ele jogou com todas as fichas que tinha no seu tempo: faro para uma polêmica comedida, circulação pelos lugares certos, alianças etc. A genialidade dele está também nessa sensibilidade para navegar uma sociedade racista e escravista sem perder o prumo, agradando a “gregos e baianos” (para brincar com a expressão de José Paulo Paes). A “surpresa” de um estrangeiro com a descoberta de Machado de Assis não deixa de ser uma forma tardia do olhar colonial: “como é possível que um lugar como o Brasil tenha produzido um escritor dessa magnitude?” Pois é, a genialidade nasce nos lugares mais insuspeitados... Basta que haja condições mínimas, que a pessoa tenha faro para conseguir se projetar, e o

⁸ Os retratos de Machado de Assis e a recepção de sua obra por expoentes da crítica literária no Brasil e no exterior, desde meados do século 19, são abordados em minha tese de doutorado. Cf. ORLANDO, José Antônio. Retratos do invisível: revelações da fotografia em Edgar Allan Poe, Machado de Assis e Julio Cortázar. 2022. 242 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, 2022.

⁹ SONTAG, Susan. Vidas póstumas: o caso de Machado de Assis. In: *Questão de ênfase: ensaios*. Tradução de Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p. 47-60.

¹⁰ BLOOM, Harold. Joaquim Maria Machado de Assis. In: *Gênio: os 100 autores mais criativos da história da literatura*. Tradução de José Roberto O’Shea. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2003. p. 685-687.

¹¹ A norte-americana Courtney Henning Novak, que tem um canal muito popular no TikTok, viralizou nas redes sociais, no mês de junho de 2024, depois de gravar um vídeo afirmando que *Memórias póstumas de Brás Cubas* era o melhor livro já escrito. A repercussão da postagem levou o romance de Machado de Assis à posição de mais vendido da Amazon, no Brasil e também nos Estados Unidos, onde o livro foi relançado em edição da Penguin Classics, com tradução de Flora Thomson-DeVeaux. No Brasil também houve um aumento da demanda pelo livro nas bibliotecas. Nas bibliotecas públicas do Rio de Janeiro, todas as cópias disponíveis para empréstimo se esgotaram. Cf. MEMÓRIAS PÓSTUMAS de Brás Cubas é disputado em bibliotecas públicas: está bombando. *O Globo*, 2 julho 2024. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/blogs/ancelmo-gois/post/2024/06/memorias-postumas-de-bras-cubas-e-disputado-em-bibliotecas-publicas-esta-bombando.ghml>. Acesso em: 11 julho 2024.

“milagre” está feito! Mas não foi um milagre. Foi uma conjunção feliz de fatores, com muito, muito trabalho e pesquisa. E, é claro, muito talento, e nesse caso um talento transbordante.

Considerando as complexidades culturais e políticas do cenário brasileiro, tal personificação de Machado de Assis como milagre e como enigma tem razão de ser? Você comentou que iniciativas surpreendentes como o painel “Machado é cria!” (ANEXO), apresentado na FLUP (Festa Literária das Periferias),¹² no Rio de Janeiro, aproximam a obra de Machado das novas gerações e apontam para o futuro...

P. M. M: Exatamente. O painel “Machado é cria!” é um ótimo exemplo para ser destacado. Como eu disse antes, não acho que a ideia do “milagre” se sustente, e nem acho que ela seja útil, em qualquer sentido. Quanto às novas gerações, eles estão “encontrando” um Machado de Assis diferente, já bastante mudado. Tomo como exemplo as aulas da “Universidade das Quebradas”, numa série de encontros promovidos por Heloísa Teixeira, da Academia Brasileira de Letras, e Julio Ludemir, da FLUP, além de uma equipe maravilhosa que está coordenando as aulas dos “quebradeiros” dentro da ABL, com o mote de um “Machado quebradeiro”. É um grupo plural, mas majoritariamente negro e periférico, com diversas pessoas que passaram pelos canais de formação propiciados pelas políticas afirmativas da última década. Ou seja, há cada vez mais gente qualificada se formando, e eu espero ainda ver uma universidade brasileira, e um cenário crítico, ocupados por esses novos sujeitos, para os quais os marcadores de raça, classe e gênero são fundamentais. Acho que estamos diante de um abalo sísmico muito positivo, e é bonito pensar que o velho Machado de Assis está meio que “apadrinhando” esse terremoto entre silencioso e barulhento.

A história de vida de Machado de Assis configura uma lição, conforme você destacou, sobre como a segregação racial e a inclusão também podiam caminhar juntas, tanto no regime monárquico escravocrata como nas primeiras décadas do regime republicano. O valor desta lição permanece inalterado diante da realidade brasileira nos dias atuais?

P. M. M: Nada permanece na história, mas, ao mesmo tempo, as estruturas profundas mudam devagar. Ou seja, por um lado há especificidades em como segregação e inclusão podiam se combinar no tempo de Machado de Assis e como se combinam hoje. Nos dias atuais, penso que a inclusão de uma expressiva parcela da população negra no dia a dia dos aparelhos culturais, por exemplo (sejam eles públicos ou privados), revele uma mudança bem-vinda e incontornável. Mas o racismo sistêmico permanece, tanto nas atitudes frontalmente racistas (que o avanço da extrema direita fortalece e legitima) quanto nas posições inconscientemente racistas (que a branquitude sustenta de forma sistemática). Acho que a branquitude é um tema emergente da maior importância, justamente porque é um quadro teórico que permite a conscientização sobre a naturalização do privilégio. As pessoas que só veem o “avesso da pele” (para utilizar livremente a expressão de Jeferson Tenório) e esquecem de notar o que a cor da pele produz no cotidiano da cidadania, com a exclusão operando em níveis às vezes

¹² MACHADO é cria! Festa Literária das Periferias (FLUP), Rio de Janeiro, outubro de 2023. Disponível em: <https://www.flup.net.br/flup23>. Acesso em: 23 março 2024.

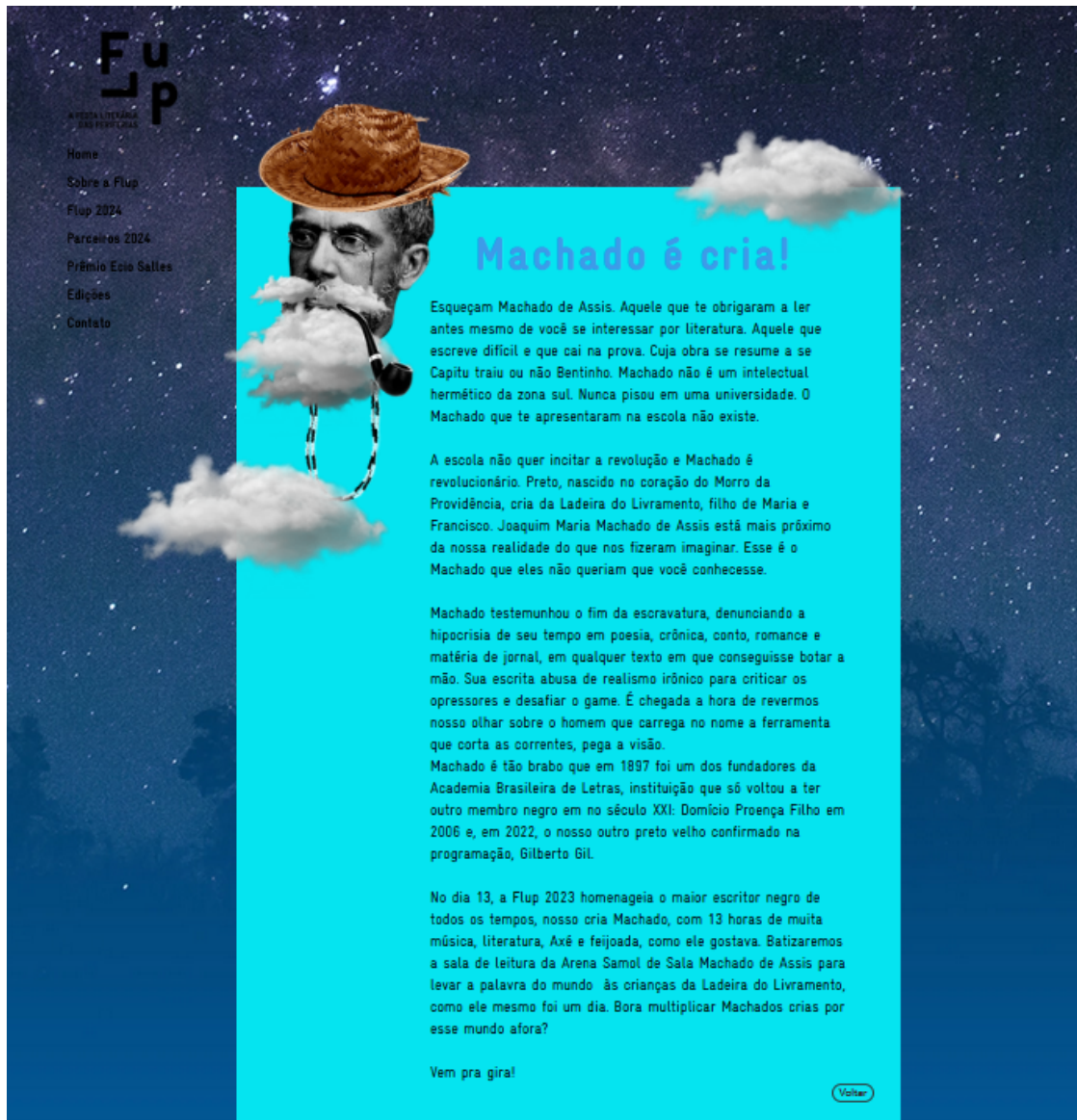
discretos e profundos, acabam, na verdade, perpetuando o racismo que elas frequentemente dizem combater. A “cor” de Machado de Assis tem a ver com isso, também.

Para concluir esta entrevista, poderíamos ressaltar um texto de Machado de Assis? De toda a extensa obra que ele produziu, em seus gêneros variados, você destaca algum recorte como mais importante para a nossa atualidade ou como seu texto preferido?

P. M. M: Seria uma temeridade escolher um único texto. Eu sou apaixonado pelo *Memorial de Aires* e ainda espero terminar um livro sobre o “último Machado”, que escreveu na primeira década do século 20. Mas estou trabalhando, neste exato momento, com uma novela fabulosa, relativamente pouco conhecida, que se chama “Casa velha”. É um texto que já foi lido como autobiográfico (acho um certo exagero nisso) e que contém os principais tópicos da escrita madura de Machado: as traições da memória, o mundo dos agregados, o fausto das elites e a invisibilidade dos escravizados, o amplo espaço que separa a escravidão da liberdade (e no qual navegam muitas pessoas, inclusive o próprio Machado, que é neto de escravizados e morreu “branco”, segundo seu atestado de óbito), a revolução e a política, a importância da fofoca para o funcionamento da sociedade, assim como os ciúmes e – por último, mas não menos importante – o estranho lugar que o desejo ocupa na vida dos velhos. Se eu tivesse que escolher o que levar para a famosa ilha deserta, acho que levaria a caixa inteira dos livros de Machado. E penduraria no coqueiro um cartaz da FLUP, com o Machado “preto velho” ...

ANEXO: “Machado é cria!”

Cartaz da FLUP, Festa Literária das Periferias (2023)



Fonte: <https://www.flup.net.br/machado>